

ENTREVISTA / Aurivan dos Santos

“Fomos recebidos com metralhadora na cabeça”

Cristina Ávila
Enviada especial

Cabrália (BA) — O governo comprou briga com os povos indígenas em dois momentos importantes durante a comemoração dos 500 anos do descobrimento, interferindo diretamente na Área Indígena Coroa Vermelha, situada no município de Cabrália. Primeiro substituiu a cruz de madeira da primeira missa por uma de aço inoxidável — que os índios consideram símbolo das espadas da conquista; depois destruiu um monumento que eles estavam planejando em conjunto, com representantes de todas as regiões do Brasil. O líder truncá Aurivan dos Santos, 27 anos, de Cabrobó (PE), diz que o povo brasileiro não conhece o país em que vive,

e que o governo deveria incentivá-lo a conhecer, em vez de censurar sua expressão cultural.

Correio Braziliense — Quando começaram os problemas entre vocês e o governo por causa da conferência?

Aurivan dos Santos — Em Pernambuco, começamos a discutir a Conferência Indígena em 1998, em uma assembléia. Em 1999, a gente decidiu que iria montar o comitê em Cabrália, que daria início à articulação. Esse comitê foi montado em janeiro desse ano. A partir daí, começamos a ter problemas com o governo da Bahia, com (o senador) Antônio Carlos Magalhães e com o próprio presidente da República. Eles não aceitavam que a gente realizasse a conferência. Fizeram pressão, com policiais nas ruas e



Aurivan, dos truncá: “Não temos direito em nossa própria terra”

tentativa de aliciar lideranças. **Correio** — Os povos indígenas foram surpreendidos com as decisões sobre os monumentos em Coroa Vermelha?

Aurivan — Quando o dia amanheceu, o povo encontrou a cruz de metal (obra do artista Mário

Cravo) fincada no chão. Coroa Vermelha foi cercada por 300 policiais. A partir daí, começamos a levantar nosso monumento. Um mapa representando os índios da América Latina, com artesanato de todo o Brasil. Mais uma vez, na calada da noite, 250

policiais entraram no território indígena e passaram com trator em cima do nosso monumento. O cacique Karajá foi nos avisar no comitê, desesperado. Quando chegamos em Coroa, fomos recebidos com metralhadoras na cabeça. Depois o governo vai para a televisão falar em democracia. Nós não temos o direito de fazer o que queremos em nossa própria terra. Mas a gente vê, sim, o governo gastar dez vezes o orçamento da Funai (Fundação Nacional do Índio) em uma festa para gringos.

Correio — Os índios estão revoltados...

Aurivan — O invasor, que destruiu, hoje tem estátuas e festividades. As festividades são agora assunto a cargo do Itamarati. São para estrangeiros. Não só as nações indígenas, mas a própria população de Cabrália, Porto Seguro e Coroa Vermelha está fora da lista de convidados. Esse é um país que não tem respeito a nenhum tipo de cultura.

Class. _____
Data 21/4/2000 Pg 12
C B
Documentação